**ÊXTASE E SOCIEDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO**

O texto de Fernando Cândido da Silva analisa textos proféticos de Mari e do Antigo Testamento (AT). Segundo este autor, nota-se que o êxtase, nos dois contextos, é um processo comum na busca de inspiração profética. Mais recentemente, propõe-se a articulação entre profecia e sociedade, enquanto “rebelião ritualizada contra as estruturas de poder da sociedade de que o profeta faz parte” (Blenkinsopp, 1996, p. 37). Em Israel, o êxtase marca mais os profetas anteriores, talvez por certo preconceito dos redatores posteriores deuteronomistas.

Os textos de Mari são de interesse capital para os estudos do AT, ao contribuir para o esclarecimento de aspectos da história e da civilização do Antigo Oriente, incluindo o próprio povo bíblico (Coppens e Petitjean, 1969). O estudo de Cândido da Silva se concentra em duas figuras que manifestam transe extático: o *muhhûm* (=extático) em Mari e os *benê-hannebî’îm* (filhos dos profetas) em Israel. Esse último termo é atestado, mais precisamente, nas histórias de Elias e Eliseu e parece ter sido utilizado por um curto período apenas no Norte de Israel (869-842 a.C.).

Em ambos os contextos, o mais interessante, no entanto, é que a documentação parece apontar para uma inspiração extática coletiva desses grupos e para técnicas que levavam ao êxtase. Encontramos entre os profetas bíblicos uma semelhança com os tabletes de Mari no dito do mensageiro: “o deus me enviou”. Em Mari, percebe-se na figura do *muhhûm* uma grande força mobilizadora, uma vez que suas palavras, associadas ao transe extático – como indica o próprio título *muhhûm* –, são utilizadas buscando uma ação concreta do rei. É possível perceber a grande importância do êxtase na sociedade de Mari. É o êxtase que demonstra, na prática, aos olhos dos espectadores, a ligação do *muhhûm* com a divindade ou, em outros termos, sua inspiração.

No momento em que o *muhhûm* exterioriza seu interior, deixa transparecer também os interesses de sua comunidade provinciana. Deve-se lembrar que a experiência mística está baseada e tem de se relacionar com o ambiente social em que é experimentada, ostentando assim a marca da cultura e da sociedade em que aparece (Lewis, 1971, p. 14). Em Mari, pôde-se observar exatamente essa relação ao se verificar uma forma de a província ter “voz” no palácio real por meio do fenômeno extático (pelo menos daquele descrito nas cartas de Kibri-Dagan). Observa-se que também em Israel o êxtase profético pode ser articulado à realidade social que o gera, em particular se se trabalhar com as narrativas de 1Sm 19,18-24 e 2Rs 3,15.

É preciso deixar claro, contudo, que esses textos são redigidos num momento posterior ao qual fazem referência, podendo conter, assim, visões e ideologias de outros momentos. Como aponta a maioria dos estudiosos bíblicos, os livros da História Deuteronomista lançam seu olhar sobre o passado para induzir o Israel do Exílio a se converter a Javé. É importante lembrar também que uma redação tardia e tendenciosa não exclui necessariamente uma fonte antiga e segura. A historiografia bíblica é uma expressão da experiência religiosa por meio da narrativa histórica, na qual os eventos expressos são reais para seus narradores (Licht, 1984, p. 114).

Esses grupos proféticos, como os de Samuel e de Eliseu podem se situar muito provavelmente nas franjas inferiores da sociedade. Como se nota, de uma forma ou de outra, o êxtase legitima e garante o status de grupos distantes do polo de poder metropolitano. Assim, o êxtase religioso deve ser compreendido, não apenas enquanto expressão de sentimento e fé religiosa, mas também de ação social, principalmente por parte dos grupos que atuam longe da capital monárquica. O grupo de Eliseu é encarado, pela maioria dos estudiosos, como um grupo profético marginal, em oposição ao poder real e metropolitano do Reino do Norte. Em Israel, esses grupos provincianos são comunidades proféticas que rejeitam a cultura “urbana” dominante e, em Mari, os extáticos ligados ao Santuário de Terqa exercem o mesmo papel.

Para Thiago da Silva Pacheco, o que há de originalidade do profetismo hebraico reside na possibilidade do diálogo entre o homem e a divindade, ao contrário dos relatos de profetas de outras culturas, limitados a serem somente transmissores dos desígnios dos deuses. Entre os hebreus, o profeta seria alguém dotado do carisma de intermediar o mundo dos homens e o mundo espiritual através de uma experiência religiosa, na qual entrava em contato intenso com a divindade. A análise destas manifestações aponta para múltiplas possibilidades de vivenciá-la. Ainda que em muitos casos as experiências destes personagens envolvam os sentidos da visão e da audição, a diferença entre as duas formas estaria na importância do elemento revelador como algo visual (Ez 37) ou auditivo (Is 6).

O êxtase religioso, segundo Rosileny Alves dos Santos, consiste numa ampliação de consciência, cujos resultados são experiências de clarividência, premonições, percepções intuitivas intensas e projeção de consciência. De acordo com 1 Sm 10, a música e a dança eram elementos manifestadores deste fenômeno. Saul, por exemplo, encontra um grupo de profetas com quem dançou e cantou em êxtase ao som de saltérios, tambores, flautas e harpas. Chama atenção o autor dizer que Saul rasgou suas vestes experimentando o êxtase nu, e isto não chocou as testemunhas, mas sim o fato de Saul ser, também, um profeta iniciado nessas práticas.

Essas experiências também poderiam acontecer mediante a oração (como o clamor de Jeremias em 32. 16-44), em sonhos (Jr 23.25-28; 1 Sm 3), ou, como já mencionado, através de músicas e danças. As práticas de indução ao êxtase, ministradas por mestres experientes (1 Sm 19) provavelmente envolviam alguns ou todos estes métodos, se não outros não relatados pelos narradores, seja por não desejarem revelar ritos e práticas dos grupos de profetas ou mesmo pela ausência de mais informações devido ao fato de não serem iniciados nas mesmas.

Os relatos de Samuel, Elias e Eliseu indicam a existência de guildas de profetas, verdadeiras corporações organizadas em torno de um mestre que desfrutava de grande autoridade. Em alguns casos, este mestre e seus discípulos viviam e comiam juntos em habitações simples, às vezes andavam em bandos, acompanhados por música e delirando em êxtase, além de se vestirem com sacos de pelo de cabra, como Isaías e Eliseu. Os noviços destes mestres eram chamados de filhos dos profetas, numa forma de analogia paterna da relação mestre-aprendiz. Eliseu chama Elias de “meu pai” e é emblemático que ele tenha pedido porção dobrada do espírito de seu mestre antes dele partir.

Para Thiago da Silva Pacheco, os profetas eram assim vistos como diferente das demais pessoas, através das marcas que demonstravam seu status. Devido a seu carisma e modo de vida, os profetas exalavam um ar de santidade, relacionado ao que Rudolf Otto chama de *numinoso fascinosum et tremendum*. A essas práticas revestidas do sagrado, que atendem a necessidade de um grupo ou classe social, Bourdieu chama de *trabalho religioso*, do qual o produto satisfaz direta e especificamente o público que irá consumi-lo. Neste sentido, os membros destas guildas desenvolveram uma série de ritos e símbolos que expressavam sua vivência com o sagrado e o divino, estabelecendo-se desta forma um *campo religioso* onde os profetas estavam organizados em torno destas experiências.

Um dos termos relacionados ao profetismo nos textos bíblicos, citado anteriormente, era *qosem*. Seu significado expressa o ato de adivinhar (ou predizer, pressagiar), indicando os indivíduos conhecedores de métodos de vaticínio a fim de descobrir segredos e obter respostas por parte da divindade. Observe que alguns personagens ilustres nos textos bíblicos se valeram destes artifícios, incluindo os profetas Ezequiel e Samuel. Os sacerdotes consultavam a divindade através de *urim* e *tumim* ou do *efod*, usados para sortear respostas por parte da divindade. Portanto, os métodos e instrumentos faziam parte das práticas religiosas dos hebreus, inclusive sendo impossível estabelecer uma distinção social clara entre os *qosem*, os sacerdotes e profetas ligados à corte ou os cultos.

Entretanto, nos textos cuja autoria é atribuída aos profetas clássicos (como Jeremias, Isaias e Miquéias), tais figuras surgem sempre descritas de forma condenatória, por adivinharem falsamente ou em troca de dinheiro. Os termos usados para identificar alguns profetas, como *hozeh* e *ro’eh*, são aplicados em tempos mais antigos. Foram posteriormente substituídos e englobados pelo termo *nabi*, cujo significado passou a incluir os visionários e videntes do passado. Já o termo *qosem* desapareceu aos poucos, possivelmente devido às palavras de reprovação dos profetas e pela posterior condenação de tais práticas (Dt 18.10,11)38, tornando tanto a figura do adivinhador quanto a prática da adivinhação condenáveis pelo judaísmo e, mais tarde, pelo cristianismo.

As narrativas do Antigo Testamento, dessa forma, apresentam alguns profetas como poderosos curandeiros e magos, capazes de feitos memoráveis. Moisés foi um deles. De posse de um cajado abençoado pelo próprio Javé, ele pôde realizar prodígios grandiosos como invocar as pragas do Egito, dividir o Mar Vermelho ou fazer água brotar de pedras. A praga das úlceras é um indicativo: Moisés asperge um pó, fazendo surgir feridas nos egípcios, e a praga dos piolhos é conjurada de forma semelhante pelo seu irmão Aarão, que bate com a vara ao pó transformando-a nos insetos.

Elias e Eliseu, personagens mais inseridos no contexto das guildas de profetas, também são narrados como curandeiros e magos. Ambos teriam saciado a fome em momentos de necessidade, fazendo o alimento multiplicar-se e até mesmo ressuscitaram crianças mortas. Além disso, segundo os textos, Elias tinha grande poder sobre o fogo, sendo capaz de conjurar fenômenos pirocinéticos como nos episódios em que os soldados foram capturá-lo e no confronto com os profetas de Baal. Ele também surge com poderes sobre o clima, impedindo que chovesse usando o nome de Javé. Eliseu, discípulo de Elias, também é descrito dominando sobrenaturalmente este elemento da natureza, purificando as águas de Jericó ao conjurar o nome de Javé e derramar sal nelas, curando um estrangeiro e fazendo um machado flutuar sobre um rio.